

DESVARIO

Carolina Reichert - Escola Municipal João Costa

Abro os olhos. A chuva chicoteando a vidraça. Levanto-me. Roupas espalhadas, cartas não acabadas, móveis arranhados. Apenas eu. Outra vez sozinha. Traída. Mais uma vez!

Por que tudo isso? Toda essa sensação de agonia novamente? Sempre comigo. Não tenho fome, mas abro a geladeira – quase vazia. Como eu. Como meu coração.

As horas se vão. Deixando comigo a minha dor. O meu sofrimento. A televisão ligada, não escuto, nem vejo. Minha vida sempre igual. Uma novela sem final feliz.

No espelho, um corpo magro. Cadavérico. Esquálido. Sem alma. Apenas o que sou. Alimentar-me? Não me traria esperanças. Prolongaria sim o meu sofrimento. Tristezas. Desilusões.

A casa, fechada há muito. O retrato de uma vida sem boas recordações. A chuva lá fora se despede, no seu lugar, o sol. Tarde horrível. Como todos os dias de uma existência sem sentido.

Agora, o sol se vai, levando consigo a tarde. Com a tarde, o resto de minha vida. No armário da cozinha, uma única garrafa. Só, brindo minha infelicidade. Tonta, calma, desesperada... Bêbada.

No banheiro, devolvo tudo o que não comi durante o dia. Dentro do armário da pia, caixas e caixas de remédio. Jogo todos no chão. Espalhados, tomo um a um. Esperando a morte de uma vida que nunca existiu. Ou passou despercebida.

Agoniada, a cabeça rodando. Corpo dolorido. O som do meu próprio grito de medo. Último pedido de socorro. Palavras soltas, sem nexos. Abro a janela, já muito fechada. A luz jaz branca como a paz que reina agora em mim.